

**Extract from:**

**Volker Braun, *Das Wirklichgewollte***

55 pages. Clothbound

© Suhrkamp Verlag Frankfurt am Main 2000

Sample translation by F. Sonnewald

**Volker Braun**

**A verdadeira intenção**

O velho casal Badini retornava à casa após ter feito um passeio pelo olival. Usava os troncos de árvores, ora como bengalas, ora para bater nos caules secos que encontrava pelo caminho,

era como se tentasse revitalizá-los, quiçá ainda pudessem existir por mais uma centena de anos, respirava ofegante, carregando nos lábios um sorriso dissimulado, que nesta idade não se pode julgar como uma idiotice, quando existe um pacto com o mundo e se escolhe o caminho certo, então isto é um processo natural: e a última vida é provavelmente a melhor – assim espero! encontrou a porta da casa desencaixada e antes de adentrar, voltou-se mais uma vez, para contemplar a lua cheia, ah que luz encantadora ela refletia sobre as colinas; na cozinha deparou-se com dois jovens tremendamente imundos, sentados estavam e ali ficaram, não viam a necessidade de se levantar da mesa onde haviam comido com terrível ganância, a porta do refrigerador escancarada, os vidros de compotas uns pela metade, outros jogados no chão, como se a vida fosse uma só e não tivesse volta – pois é assim mesmo; e a velha senhora, receosa, num suspiro de dor pergunta: o que vocês querem? mas, antes que os invasores pudessem, pelo menos se explicar, Badini já pedia com clemência, que se acalmassem.

E com toda a tranquilidade os afasta um do outro, esses com as facas empunhadas, identifica uma moça e um rapaz, que presos em suas mãos, logo se renderam; e, na situação perigosa em que todos se encontravam, permaneceram como que obrigados a meditar por algum tempo. O calor da noite fluía através de um buraco na porta. A velha Badini observava o marido que apesar de seu caráter frio e indiferente, agora, ria, incessantemente, e mantinha aquelas garras estranhas, presas, como um achado do qual jamais abdicaria, uma mão quente; a outra, a da menina, fria como um gelo, sentiu-se extremamente feliz, arrebatado por um sentimento inexplicável.

Passado o susto, todos os quatro se viram dominados pelo cansaço, e os velhos, enraivecidos, fazendo sinal aos jovens para que subissem a escada, indicaram-lhes um quarto modesto, onde esses se acomodaram. E pretos de sujeira como estavam, deitaram-se na cama.

Badini acordou-se cedo e aguardou, impaciente, o momento em que iria verificar se os pássaros haviam fugido. Sem fazer barulho, aproximou-se do quarto e empurrou a porta levemente: sabia que os hóspedes estavam dormindo profundamente, a moça aninhada à parede, e o rapaz deitado de costas com os braços esticados sobre a cabeça. Sorvido pelo quadro, ousou entrar e abriu a janela, a fim de deixar sair aquele ar sufocante. Cautelosamente, desceu a escada, e ao atravessar a grande sala, encontrou Lúcia em volta com seus afazeres domésticos, o chão de ladrilhos vermelhos, já limpo; deu-lhe um aceno e saiu a passos largos para dar uma caminhada através de sua propriedade.

Giorgio Badini a havia adquirido do padrone, que lhe passou por não ter encontrado um arrendatário, e foi justamente esta casa grande, que conhecia e admirava desde seus tempos de infância, quando seu pai, pedreiro de profissão, trabalhava na região. Era uma casa construída com pedra lascada cinzenta, cujos telhados e cantos podiam ser vistos de longe. Sobretudo, sentia-se orgulhoso da torre quadrada, cuja altura suplantava levemente a dos carvalhos e cipestres. Atrás da casa, subindo-se a uns cem metros, um vinhedo, semipreservado, para dizer a verdade, sua própria plantação, através da qual andava todas as manhãs e com muita excitação.

Badini era professor em Roma e se encontrava no final do exercício de suas funções e gostava de sua liberdade. Seu pai empurrou carreta e possuiu um casebre que chamou de sua propriedade. Giorgio dirigia automóvel, era proprietário de um apartamento na cidade com televisão e refrigeradores, comprava em supermercados e viajava pelo mundo afora. Ele, filho de pedreiro, vivia como um príncipe: como um trabalhador. Uma carreira e tanto em trinta anos de serviço. Seu ideal : *la rivoluzione*, havia-se dissipado. Pois, *la rivoluzione* foi acontecer num lugar, onde não se costuma realizá-la. Vista de uma outra

perspectiva (de sua própria), uma crueldade, uma compreensível pilhéria da história (que jamais a abandonaria). Havia perdido o interesse pelos períodos históricos. Por acaso pode-se culpar a árvore de ter espalhado suas raízes no arqueamento da pedra? Cada rua se adapta à respectiva paisagem. Apreciava seu oportunismo e traduzia documentos antigos: como um artista que recopia sua vida. (Naturalmente percebeu que sua tradução era melhor do que o texto de origem; mas tinha que se dominar, fazer o pior, para não fugir do sentido original; só a excessividade no uso de expressões indicava sua força demasiada e ineficaz).

Quando chegou às altitudes notou que a claridade estava agora sobre o caminho que havia percorrido. O sol desaparecera, tão rápido e Lúcia se dirigiu para a frente da casa e encheu uma banheira, que estava ao lado de uma fonte. Ah, ah, ela queria dispensar o banho. Balbuciava tons ininteligíveis: he, he, hi e ele logo viu os jovens, acostados à porta, os olhares amedrontados. A velha fazendo sinal para que entrassem na banheira; usava diferentes gestos, como os de uma atriz durante o ensaio de palco; a moça entendeu o sinal e Lúcia, movimentando as mãos, impacientemente, tirou, bruscamente, a blusa da criatura e a jogou na água. Emsabouou-lhe as costas, pescoço e orelhas. Giorgio, no seu pátio, presenciava como a mulherzinha estava indignada, e ali acocorada, nua. Neste momento, parecia que Lúcia havia realizado simplesmente ... o inevitável. Mas, ele não agiu de outra forma. Viu o jovem se aproximando. Tinha pele morena, cabelos e olhos negros. Esse, num ímpeto, e sem tirar a roupa, se jogou na banheira, e começou a bater com as mãos na água.

Meu filho, se eu tivesse tido a permissão de ter um, seria ele parecido com esse, indagava--se Giorgio, mas esta simples palavra o deixava penalizado: meu filho, mirava aquela figura acanhada, com os braços em movimento, que se inclina levemente, apanha a toalha e foge de vista. Meu filho... e a

mulher, esta não se deve maltratar. Subiu a colina até seu palácio. – O prédio cercado, o terraço, que fora amurado pelo seu pobre pai. Sentiu-se um homem felicíssimo. Será que o filho de Giorgio, uma hipótese, ... iria ele vivenciar este tipo de progresso? Do qual pudesse se admirar? E assim por diante?

Ainda pensando nisto, dirigiu-se ao salão onde encontrou a mesa já coberta. Os estranhos que se acomodaram aqui, ontem, estavam envergonhados e um pouco hesitantes em tomar um lugar à mesa. Até então, não haviam trocado sequer uma palavra entre si. Giorgio, disse Badini, Lúcia.- Luísa, disse a moça, Gjergj. Deram-se formalmente as mãos. Badini tentava descobrir suas origens e a muito custo obteve a resposta: Albânia. Navio, Apúlia. Deportados. Foragidos. A polícia? Luísa colocou as mãos sobre o peito e suplicantemente, sacudiu a cabeça. Fugitivos, disse Badini, resignado. Não são criminosos, são mesmo é fugitivos. Ladrões, dizia Lúcia.-Monstros argumentava Badini, desatinado. Polizia, Polizia, dizia Lúcia enfurecida. Não se tinha nada mais de concreto para conversar, deste modo até foi bom que a comunicação fosse difícil. Badini vendo os estranhos, ali sentados, encolhidos, se estirou contra o respaldo de sua cadeira antiga, em estilo colonial e deleitou-se sobre sua posição. Recebia uma pensão, e as inúmeras plantas que possuía lhe davam uma renda extra. Havia vinho, nozes, castanhas, pêsegos, frutos silvestres, além de algumas oliveiras. Uma dádiva, sem que precisasse mover sequer um dedo. Estava inativo, mas nunca deixou de se ocupar, e jamais deixou os campos, sem antes ter colhido as maçãs, ou de ter separado as ameixas boas das ruins e, certamente, sem ter dado uma provada. A natureza fora benevolente com ele, embora tivesse feito pouco por ela. Era o paraíso. Sua situação era de inocente: não havia trabalhado aqui. Como também não a havia maltratado. Sua missão era a de afugentar os pássaros. Lucia cozinhava marmelada. Podia-se entrar no paraíso, em caso de morte do arrendatário e de seus filhos/criados terem abandonado a terra.

Caso ela ficasse improdutiva. Caso se retornasse à infância, então aos campos de Quercegrossa- que são o paraíso.

Giorgio mirou seus convidados com uma alegria primitiva. Lúcia, também satisfeita, estirou-se sobre sua cadeira.

Sairam prados à fora para dar um passeio. Já que o diálogo era impossível, pelo menos podiam caminhar juntos, mesmo que os jovens se mostrassem, desconfiados e relutantes nas quebradas.

Badini, agora, lamentava não possuir uma lavoura: poder-se-ia ter trabalhado . A inatividade não ensinava nada a esses jovens, além do que eles não foram criados para a indolência. O trabalho os esperava. Sem levar em consideração esta diferença, Badini segurou a moça pela mão e a conduziu através da paisagem. Deixou que Gjergj cuidasse de sua velhota. Diante do calor intenso, Gjergj tirou a camisa e Lúcia colocou o braço magro em torno de seus ombros. Assim formavam dois pares estranhos. O da frente andando rapidamente, como se tivesse alguma idéia; o detrás, pelo contrário, caminhando vagarosamente, em devaneios. Ao virar-se, Giorgio viu a silhueta de duas crianças. Surpreendido, voltou-se mais uma vez : e viu Lúcia novamente jovem; segurava a barra do vestido, ainda de seus tempos de menina, já desgastado, mas que ela trajava há mais de trinta anos. Isso era uma coisa muito louca e estranha nela. Não havia mudado. Mantinha a mesma jovialidade de sempre; como um dia que não passa. Mas, ainda era de manhã.

Gjergj, agora aborrecido, dá um empurrão no braço decrepito de Lúcia e se desvencilha dela. Ela mantinha o braço erguido igual a um objeto relutante, e vê que a claridade da luz ressalta, imperdoavelmente, sua pele seca e enrugada. Com isto, solta um gemido, indicando que tinha uma contração em suas costas, lisas.

Gjergj, consciente de sua malcriação, permitiu então que ela o alcançasse; contudo, deu um passo adiante; ela é que tinha o

dever de segui-lo. Sua mão sobre aquela pele fresca, sobre a tortura. Não se atrevia afastá-la, mesmo com as queimaduras que sentia, sempre que Gjergj, atrevidamente, virava a cabeça para o lado, mirando-a com seus olhos negros, que mais se pareciam a uma lupa. O que um jovem amante não é capaz de fazer para aterrorizar. E o que não teria feito para ser massageada nas costas. Sentiu-se constrangida, amedrontada, mas temendo ficar em situação vexatória, preferiu manter a cara séria.

O velho, por sua vez, levou a filha adotiva para um declive, lá onde ele com respiração ofegante, cobriu seu rosto com uma manga da camisa, e com a outra, o rosto da mulher. Foi pragmático. Agiu, cuidadosamente, com uma precisão do pedreiro que limpa as juntas dos azulejos. A pessoa deixou acontecer. Giorgio a sua frente, impedia o caminho, aspirava, absorvia o seu ar, servindo-se com as polpas dos dedos; observando a cara, o queixo daquela planta. Estavam bem próximos um do outro, mas seguros na retaguarda, cuja proximidade adoça maravilhosamente os sentidos. Meticulosamente pressionou a ponta da língua entre os lábios. A seguir, segurou Luísa pelos ombros e deslizou a mão em seus braços lisos e quentes. E Luísa perguntou? O que o senhor quer? Tentando entender o que ela lhe dizia, Giorgio recuou a cabeça. Seu coração bateu contra as costelas. Tirou a camisa e a jogou fora. Ele fedia como as folhagens mortas.

Mais tarde, devido ao calor, foi ordenada a siesta, e cada casal recolheu-se em seu quarto. Os velhacos, que habitualmente sonhavam em quartos separados, aconselhavam-se sobre como deveriam agir em relação a este novo crescimento na família. Deveriam registrá-lo na polícia, ou mandá-lo embora? Será que a notícia iria se espalhar por aí (uma vez que os *refugiados* eram o tema da moda). Será que se poderia estar seguro desta posse? Luíza poderia ser útil no trabalho da casa, dizia Giorgio. O jovem, argumentava Lúcia, deste temos que nos livrar. Muita burocracia estava por advir, leis, disposições, parágrafos

entraram em vigor, envolveram-se numa engrenagem. Poder público, Direito puro.

Admiraram-se, contudo, do silêncio lúgubre no quarto ao lado e de não estarem nem um pouco preocupados com isto. Provavelmente estavam num sono profundo, como é de se esperar das crianças.

O velhaco se dirigiu à porta ao lado: encontrou-a aberta, e o quarto vazio. Voltou ao corredor. Ficou desapontado e ao mesmo tempo aliviado. Rindo disse: os pássaros fugiram. Lúcia puxou-o para dentro do seu quarto; com os dedos sobre os lábios como se quisesse contar-lhe um segredo. Segurou seu corpo franzino. Giorgio não sorria mais- Talvez se esconderam, respondeu ela, apática. E por quê ! disse Giorgio.

Investigaram todos os cantos da casa, e acabaram se debruçando numa tapeira; ficaram tão absortos admirando a natureza que se esqueceram dos jovens perdidos, até que foram despertados pelo ressoar da sirene de uma viatura da polícia que chegava numa velocidade infernal. Desceram até o pátio, e com uma única idéia em mente, onde poderiam se esconder, acharam um refúgio na Capanna, com sua cumeeira descoberta, abrigo de feno, e que eles sempre consideraram como sendo uma nave de igreja. Demorou algum tempo para que seus olhos se acostumassem àquela escuridão: e que se apercebessem duma mancha clara, semi-circular, que mesmo com sua chegada e com as palavras que Lúcia exprimia, não parava de mover-se, ora acima, ora abaixo de seus pés. Eram as nádegas de Luísa; ela acocorada sobre Gjergj e ele deitado numa carroça, com os braços estendidos sobre a cabeça, virou a cabeça para o lado e lançou um olhar ousado para os intrusos. Não era do agrado dos velhacos deixar que tudo acontecesse assim à toa. Assim, permaneceram ali, de pé, enquanto que os jovens ocupados, e Lúcia gemia, e Luísa gemia, cada uma, distintamente, e Giorgio, repentinamente, teve um acesso de ira e tossindo ajeitou os



suspensórios da calça. Sem qualquer arrependimento, estava perante este altar. Luísa, agora, abraça o amigo e cala, e Lúcia abraça a si mesma vigorosamente, Giorgio dá com a testa contra um feixo de luz e acaba respirando o pó. Por fim, andando vagarosamente, o casal deixa o celeiro.

À noite, sentaram-se em um dos pilares de pedra na encosta. Estavam um pouco desorientados. Os pequenos muros subterrâneos foram construídos há mais de trinta anos para evitar que a chuva desmoronasse o solo. Aquilo tinha sido fruto de muito trabalho. A natureza com suas belas linhas fora distinguida pelo trabalho, e o Ser fora delineado pela natureza. Era preciso viver. – E ao exprimirem esta frase, apoiados nas pontas dos pés, estavam um diante do outro. Os dedos grandes do pé escavavam a terra. (Como observamos), os Badinis nunca se preocuparam com o cultivo da terra. Caminhavam sobre ela. Há uma teoria que diz que em trinta anos a humanidade passará por um processo de mutação, afirmava o velhote. – Uma mutação? – Isto é, o trabalho.

O surgimento do homem-máquina. Ou uma outra sociedade. – Até aí, nada de novo, falou Lúcia. - Bem, mas assim terá que ser. – Na realidade, trata-se de... disse Lúcia - esgravatando na terra seca. Trata-se de, retrucou ele, bruscamente. - Calaram-se! Entreolharam-se, em suas caras decrépitas, que apesar da idade, ainda mais bonitas. Não podemos suportar a verdade, disse Lúcia. - Que verdade. - De que o fim se aproxima. De que somos seres como qualquer outro, sussurrou ela por entre os dentes quebrados. Segurou o braço ossudo dela. Estás fedendo, como a terra, disse ela. -- Como a sepultura? Ele caiu em risos. – Precisamos de força. Mil vezes mais do que uma árvore – ela mirava o olival com aquela cor prateada. - Ah, de onde sabes isto - Porque esquecemos, aquilo que sabemos. Porque nos superestimamos. – Sim, nós! Somente nós. Ele segurou firmemente aquela ossada, parecida a uma arma do

tempo da idade da pedra, e ela permitiu seu jeito brusco. – Por isto é que temos Deus. - O progresso, disse Giorgio. O Supremo. Ela amontoava a terra sobre as pernas. Fedes e morres. – Estás ficando louca, gritou Giorgio erguendo a mão dela. Saber sem contudo endoidecer, ou tornar-se assassino, dizia Lúcia. Assassino, assassino? Vociferou Giorgio dando-lhe um soco na cara. Sim, respondeu Lúcia, empalidecida; de que nos suportamos, de que a natureza nos suporta e de que suportamos tudo isto. Senão, é o inferno. Num acesso de ira, ele a estrangulou e deitou-se sobre seu corpo como se fosse uma pedra que ela envolvia em suas raízes.

Os exilados passaram a noite fora de casa.

Era madrugada, quando Badini vestido em sua roupa velha e habitual para afugentar os pássaros, dirigiu-se ao vinhedo. Ao percorrer o jardim, cruzou com Gjergj, que passou sem cumprimentá-lo, e Badini com o olhar fixo no nevoeiro, que o vento norte soprava, isso é uma luta violenta nos vales, ordenou-lhe que fosse embora, mas ao ver que este não o compreendera, o afugenta, os braços estendidos, a goela matraqueando; o rapaz recuou e deu uma punhalada no ombro do velhote; que estonteado caiu no chão, praguejando contra o jovem, seu grito sufocante acabou acordando a velhota, enquanto isso o jovem aproveita para fugir; e ela ao tropeçar num degrau, perde o equilíbrio, cai e quebra ambos os braços, lamentando sobre sua própria sorte, via Giorgio desorientado olhando em volta de si; arrastaram-se escada acima e deitaram-se, o sangue jorrava pelo corpo do homem e a mulher banhada de suor, na cama, com as mãos frágeis que tinha, pressionava os seios flácidos, envoltos na blusa inundada de sangue, contra a ferida de Giorgio. Durante uma hora permaneceram ali, desamparados, quando, subitamente ouviram um barulho na casa, alguém subia a escada com passos firmes; Gjergj aproximava-se, furtivamente, os dentes arreganhados naquela cara jovem, atrás dele, a mulher, o

casal mirou-os com um sentimento de alívio e ao mesmo tempo de pânico, e Badini perguntou: o que eles querem?

## **II. O Futuro**

Jorge ainda estava lá na Avenida Atlântida, sujo, cansado , na espreita, as regras do jogo estabelecidas, a mão estendida para o passante (tinha essa mania), como uma língua faminta ou como prova de sua inútil e perigosa existência, o passante lançou-lhe um olhar penetrante, caminhava dentro de seus sapatos de bico fino, e ao invés de tomar outro caminho, prendeu-o com suas pequenas garras: pegou Borges vindo da Barraca, entediado e levemente embriagado da cerveja que tinha tomado tão rapidamente, segurou firmemente o braço moreno e magro do garoto imbecil, e depois de uma altercação entre eles e perguntas: como você se chama; qual a sua idade, arrastou-o pela avenida, quase que à força, até que pararam em frente à porta de um prédio, entraram, arrastando o rebelde, fez um sinal ao porteiro e subiu no elevador que os conduziu como um relâmpago ao último andar.

Passaram por diversas portas de ferro, Borges empurrou o garoto para dentro do atelier. O telefone tocou, mas não atendeu. (Todo mundo queria saber sobre seu estado de saúde); Borges dedicou seu tempo àquele visitante medroso. Um mestiço carrancudo, cara de experiente, mãos grandes e angulosas; os joelhos machucados, cheios de crostas de feridas. A camiseta fora das calças, os tênis rasgados.

Você não tem decência perguntou Borges, sem esperar uma resposta, enfim tinha-se que se começar pela base. Você já comeu. Lave-se! disse , e abriu a porta do banheiro. E Jorge, inseguro e sem saber quais eram as intenções do velhote, despiu-se com uma lentidão desafiante. Borges misturou a água, acrescentou uma essência de banho e bateu até que se formasse uma espuma. Lave-se, ordenou, e não se esqueça, da cabeça aos pés. Jorge, embora contrariado, obedeceu. Tomou uma ducha fria e secou-se com uma toalha de banho branca que o senhor lhe jogara sobre as costas. Borges deu-lhe uma calça e um casaco para vestir, seu corpo franzino de idoso , igual ao do

garoto, e esse tinha que se conformar com esta calça e casaco, uma vergonha, lutava contra as lágrimas que corriam pelo seu rosto. Esta preparação o deixava desconfiado, e para que tudo isto? enquanto que Borges, numa pequena sala, sem janelas, já tinha colocado pratos e copos sobre a mesa e ordenando ao garoto, que hesitava em servir-se, que comesse. Nisto, descobriu que Jorge escondia uma lâmina de barbear em seu punho; apesar de ter tomado todos os procedimentos não o havia examinado enquanto que Jorge, imperturbado, deu um sorriso de satisfação.

Neste instante, ficou claro para Borges, que não poderia mais despachar-se da presa, nem hoje, nem amanhã. Teria que dividir o apartamento com esta besta.

Ambos tinham caído numa armadilha: foram conduzidos por seus próprios reflexos, para eles uma situação imprevisível. Tinham uma diferença de idade entre setenta ou oitenta anos, eram, contudo, indivíduos da mesma era. Borges pensava, generosamente, que não poderiam mais separar-se um do outro. Precisava somente sobreviver aquela noite.

Levou o garoto ao quarto e recolheu-se ao seu aposento. Jorge na expectativa do que iria acontecer, começou a procurar seus pertences, mas não encontrou nada na sala. Deparou-se com uma pilha de livros, mesas e com o barulho de papéis-pergaminho sobre uma prateleira. Por que estava aqui, perguntava-se? Ele que não tinha como hábito fazer as vontades alheias. Outros, mais velhos, adoravam; quando se dispunham a isto, sob o efeito de drogas, pouco lhes importava. Uma vez, na praia, no posto 8, um homem lhe ofereceu dinheiro, foi aumentando a oferta, cada vez mais, até que não resistiu. Era uma maneira simples, descompromissada de conseguir dinheiro. Com o roubo e mais uns trocadinhos, obtinha, arriscadamente, seus reais. - A gente é que faz acontecer. No quarto, vestido com

o terno que Borges lhe havia dado, volava de um lado para o outro; será que deveria se desvestir? Será que isto ainda lhe pertencia? Que perguntas embaraçosas. Esticou o pescoço. Do colarinho exalava um perfume doce, indefinível. Onde poderia mijar? Tinha que mijar. Temia, no entanto, que o Senhor pudesse ouvir o barulho. Não haviam falado de dinheiro. Estava querendo enganá-lo? Ah, como detestava ser logrado; ser usado pelos outros. Cheio de ódio pensou, amanhã, cedinho, vou forçar minha saída daqui, mas acabou sendo vencido pelo sono. De manhã se acordou envolvido por uma intensa claridade. Uma janela imensa permitia a entrada do céu sob o qual estava deitado, todavia encontrava-se na cama. Até mesmo as paredes brilhavam. Jorge se levantou rapidamente e inspecionou o quarto. Dois homens, jovens, debruçados na mesa, riam para ele. Estava infeliz dentro daquele terno ridículo. Mas como poderia se defender? Neste momento, Borges apareceu. Este é o Jorge, disse. Estes são meus assistentes: João, Osman. E virando-se para Jorge: tudo bem?- mais ou menos, retrucou este. Está bem respondeu Borges com um tom sério de voz. Você sabe onde fica o banheiro. Jorge abriu cuidadosamente a torneira e colocou os dedos debaixo dela. Ouvia o velhote que neste momento dava ordens aos assistentes. Seus braços movimentando-se sobre enormes folhas de papel branco que se pareciam com as velas penduradas nas vergas dos mastros. A sala parecia voar pelos ares. Está pronto amigo? perguntou Borges com um ar de crítica. Seu café da manhã está na mesa. Amanhã, você não vai me fazer esperar, como o fez hoje. Jorge ingeriu aquelas frases incompreensíveis. Pão branco, manteiga, queijo, mel e um copo de leite. Detestava aqueles incômodos. Ficou mais em pé do que sentado. Era mais fácil fugir.

Deixaram-no a sós durante uma hora. Secretamente ouvia o ruído dos lápis sobre os papéis, dos telefonemas. Sentia-se extraordinariamente bem, mesmo que estivesse sentado numa cadeira desconfortável, ouviu Borges se perguntando: o que vai

ser feito de ti? Como assim? O que você, o Senhor está pensando? Ou será que estava falando com um dos homens? Não, seus olhares estavam voltados para ele. Borges, parado diante dele diz: fala. Jorge corre para a porta. O que você quer, pergunta o velhote/o jovem: o que você quer?

Eu é que pergunto, replica Borges, irritado. Eu quero ir para a rua, responde Jorge. Para pedir esmolas? Que coisa horrível! Jorge teimando, sacode a cabeça. Para roubar? Ele lança um olhar frio sobre o velhote. É melhor. Mas isto não trás nada, como. – Eu não roubo, retruca Jorge. Você rouba o tempo, o pão, o ar. Estavam frente à frente. Borges com as mãos no bolso, e Jorge também ocultando as suas; mirava o chão. Quero que você me ouça. Vamos falar de homem para homem. Nós conhecemos o mundo... Qual foi a pior coisa que você cometeu na vida? Que cometi? O seu maior crime? Jorge, mostrou-se desconcertado com a pergunta que lhe pegou desprevenido. O de ter abandonado minha mãe. Isto sim, foi horrível. Tinha 8 anos de idade. Estava cansado de passar fome. A mãe passou semanas procurando-o nos morros, nos hipermercados. O mais duro de tudo, pensou, foi ter vendido a inocência da sua irmã Julita. Por 1500 reais a entregou ao peixeiro Dantas, lá do Leme. Deu-lhe a metade do dinheiro a que tinha direito. As maçãs de seu rosto ardiam, tornou-se silencioso; Borges acenou com a cabeça, sem ouvir o que ele dizia.

Não, disse Borges, o maior crime é: o de não saberes nem ler, nem escrever. Jorge calou-se, desprezava sermões tolos. O pior é o que vem por aí... Borges afastou-o da porta. Ele não reagiu. Nenhum movimento nos tendões. Meu pior crime – Borges, sorrindo: foi o de ter votado no filha da puta do Cardoso. Como pude acreditar nele... Dirigiu-se ao cavalete e traçou uma linha. Este é o país. Esta é uma casa. Isto é uma escola. Crença, esta é a pior coisa, quando se pode saber. De que eles lhe mentiram, senhor. Como o assentamento dos sem-terra, Jorge também sorriu . Esta conversa de homem para homem lhe dava

vertigens. Suplicou em voz fraca: eu quero ir embora! – Seria um crime, pensou Borges, se te deixasse ir. Se te mandasse embora, hein.

Sua empregada, uma preta, entrou e Borges entregou-lhe as chaves e o garoto. Ia dar uma volta, tinha algo para resolver. Habitava nas alturas, mas necessitava pisar o solo. Permanecia lá na rua e deixava seu corpo extravasar, quando as sombras se ocultavam por debaixo das casas, deixando que seus fundamentos submergissem. O barulho, os odores corróem os sentidos, uma droga humilhante a qual havia sucumbido. Sempre voltava ao Rio, dos outros continentes. Não havia nenhum lugar tão lindo e tão perigoso no mundo como este. A cidade estendia-se além das baías e das encostas. Cardoso queria ser eleito e para isto liberou os morros, e o que aconteceu foi uma explosão de favelados. De sua prancheta via as favelas. O olhar desanimado denotava sua inquietação. Como de costume, subiu a ladeira do Leme caminhando por meio dos detritos até chegar ao morro da Babilônia. O fedor dos excrementos, lama fétida e pútrida, barracos cobertos de lata, arquitetura de placas. O Presidente demonstrou uma atitude cínica. Com o Plano Real saneou zonas ricas. A porta da casa de Aldaiza estava aberta. Borges entrou silenciosamente. Evitava cerimônias, cortesias, coisas com as quais só se perde tempo. Quanto menos linhas, mais clareza. Aldaiza era uma puta, Borges o cliente; uma rapariga de cinquenta anos. Ele nunca mantivera uma relação assim séria. Ambos sabiam o que um esperava do outro. Deitaram-se sob a luz do crepuscular que entrava através do telhado. Esta hora cobiçada prolongava sua vida. Mas tudo não passava de um jogo, que se pagava. Eles determinavam a aposta, mas não havia regras. POBRE E RICO, isto é o que rege o mundo.

A regra era: ele ou eu. Jorge, ao perceber que o velhote não era nenhuma ameaça para ele, indagava-se sobre o que havia de



terrível por detrás daquele atentado. Não entendia o porquê de despertar tanto interesse nas pessoas. Infantilidade sua. Será que o velhote se esqueceu de algumas coisas elementares? De que ele não podia andar na rua com este terno; de que isto não era traje apropriado daqueles que trabalham para o ganhapão? E que com isto, logicamente, os outros garotos iriam zombar dele. E caso ficasse ausente, e perdesse o poder sobre eles, este poder que possuía graças a sua argúcia. Não poderia mais controlar os negócios. – De pé em frente à janela, sentia-se pesaroso. A cidade e nela sua sombra disforme. Temia ter entrado num outro mundo. Necessitava contar o que lhe havia ocorrido. Onde tinha se metido. Lá, por trás daqueles vidros refletivos. Tinha inspecionado o paraíso; ao qual tinha acesso.

Teresa, a preta, lavava os copos. Como poderia fugir sem ser visto? Jorge aproximou-se dela, atacando-a pelas costas e com o antebraço pressionou-lhe o pescoço, sua força fantástica contra a fraqueza dela, Teresa horrorizada permitiu que ele pegasse o molho de chaves que estava no bolso de seu avental, movimentou-se com dificuldades até a porta, caminhando como se tivesse chumbo nos pés. Os homens, na sala ao lado, nada perceberam. O sangue do nariz de Teresa jorrava sobre a mão de Jorge. Os braços dela se debatiam atrás dele, num vácuo. Deixa-a livre, ameaçando-a com sua lâmina de barbear. Teresa ofegante, acorrou-se ali no chão, enquanto que ele selecionava as chaves. Ah, ah, achei, aqui está, disse ele sorrindo. Pare, disse Teresa. Ele retirou a chave da porta que havia aberto, apertou-a na boca, e enfiou a lâmina de barbear na língua de sua cúmplice. E como ela se calou! sobre o noivado; ele desceu a escada à toda pressa.

Ao retornar, Borges notou que seu aprendiz havia desaparecido. João e Osman deram-lhe as más notícias. Protegiam Teresa em seus braços, enquanto Borges lhe servia um copo de vinho. Garoto detestável. Ainda vai acabar na

forca/pendurado nos pregos. Tinha cultivado uma afeição por ele, será que deveria ficar indiferente diante da primeira dificuldade? Necessitava, pelo menos, ser um pouco perseverante e saber manejar com os caprichos do malcriado. De repente, Borges ficou cansado e resolveu dispensar seus assistentes. Ficou parado em frente às folhas com os projetos deles (seu). Traçou uma linha.

---

Ele: noventa anos, galgou o século, que realizou tudo o que se possa imaginar.

O garoto: nove anos, um milênio, dizia-se, começava.

Que relação havia nisto ? Como já foi dito, tinha-se experimentado tudo. Descobertas, planos, guerras, realizações infinitas, destruições. Ideologias foram consumidas em todos os continentes. Usou-se expressões, que não valem mais: *revolución* no México, *socialismo* no Perú, embora tenha sido sempre capitalismo. Na Rússia ainda se sonhava com mais uma era, que se dissipou. Globalização. Agora estamos todos presos nesta crença. Nunca e em nenhum lugar, chegou-se às estruturas que deveriam ser transformadas. --E, depois de tudo feito e das esperanças esvaídas, restava indagar: sobre o que virá?

Borges permaneceu acordado a noite inteira. A burrice chega, o esquecimento. Osman e João, seus assistentes, com eles não iria questionar sobre isto. Eram criaturas honestas, seguidores de seus passos. Não precisava temê-los; não esperava nada deles. Não o compreenderiam. Os sucessores, os filhos, esses dariam a resposta, os desconhecidos, os monstros. Eles é que devem ser instruídos, impiedosamente, sobre a precariedade da situação. Traçou uma linha, a qual era tão forte que delineava uma possibilidade, e tão fraca que não oferecia uma solução definitiva.

Quem sabe um traço abaixo ou atravessado – Borges era capaz de rasgar aquele papel: e ao contrário, afirmar ainda que pouco ou nada havia sido, que nada fora pensado. Que a coisa assim como se apresentava era simplesmente irracional! Falando sério, assim como está, é elementar que este estado angustiante acabe criando uma revolta, fato gerado pela própria necessidade das coisas. Nada permanece; e o que parece ser seguro, carrega em si a semente da própria dissolução, a indignação. Uma alegria incontável apoderou-se dele; as melhores construções serão erguidas sobre as ruínas e viver custa a morte. A parede brilhante construída de lata branca - / latas, rações de ferro / da consciência, devorado/ Faminto de verdade / *Eis a refeição, companheiros*. Ouviu um burburinho, uma pequena disputa, rangidos no elevador. Deitado, sonolento, sobre sua cama de ferro, sentia-se fraco para levantar-se e ver o que estava acontecendo. Quem é que entrava assim de forma tão malcriada em sua casa?

Será que estava sonhando ou vendo fantasmas. Ah, pouco lhe importava o barulho do mundo, lá fora. Uma chave é introduzida na fechadura e a porta se abre bruscamente. O suor corria pelo seu corpo. Então que entrem, mostrem a cara, seus canalhas, companheiros. Surpreendido, reconhece seu casaco de cor clara, sua própria silhueta, e ao se levantar em meio àquele pânico, a cara de Jorge, voltada para ele: Jorge com os braços estendidos para trás, resistia contra a quadrilha, que o impelia – Jorge, então é você! Será que queria protegê-lo dos bandidos, ou levá-los até ele, eles que o subjugavam; e com uma coragem insólita e ao mesmo tempo exaurido, pois o porvir não estava mais em suas mãos, Borges inclinou-se, com a mão esquerda encostada na parede, e a direita apoiada no chão, para ver o futuro